

## Entrevista realizada por Julio Américo



**Emmanuel Fernandes Falcão** é hoje um nome importante na história da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Atual Assessor de Extensão da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários – PRAC, Falcão, como é conhecido entre os colegas de trabalho, desenvolve atividades de extensão desde 1986, quando iniciou as primeiras experiências a partir de estágios de vivências em comunidades.

Desenhista Projetista, graduado em Nutrição e pós-graduado em Educação Popular e Movimentos Sociais, Falcão colocou sua experiência pessoal e conhecimento acumulado a serviço dos projetos dos quais participou e coordenou. Idealizador da Metodologia MET-MOCI – Metodologia para a Mobilização Coletiva e Individual (FALCÃO & ANDRADE), teve sua competência reconhecida quando ganhou o Prêmio Saúde Brasil, em sua primeira versão. Atualmente, é também Coordenador

do Programa Interdisciplinar de Ação Comunitária, do Estágio Nacional de Extensão em Comunidade e da JORNEXU – Jornada Nacional de Extensão Universitária. Emmanuel Fernandes Falcão, em entrevista concedida à Revista Eletrônica Extensão Cidadã, lança um olhar sobre a extensão e sua relação com ela.

Extensão Cidadã – **Como começou a sua história na extensão?**

**Falcão** – Ainda quando estudante de nutrição, iniciei o primeiro Estágio de Vivência em Comunidades na comunidade de Costinha (Cabedelo, Paraíba), experiência essa que, mais tarde, resultou na criação do Programa Interdisciplinar de Ação Comunitária. Tudo isso se deu porque, enquanto funcionário público da UFPB, fui transferido do Centro de Tecnologia para a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários, local onde permaneço como funcionário até hoje.

Extensão Cidadã – **Que motivações o encaminharam para o trabalho com extensão?**

**Falcão** – Observei, durante a minha graduação, uma distância muito grande entre o fazer e o saber acadêmico. Daí, foi fácil compreender a necessidade de construir outros conhecimentos capazes de fazer-nos refletir essa formação tecnocrata que nos vem sendo passada ao longo dessas últimas três décadas. Assim, vi que experimentando a aproximação do estudante da comunidade teria uma outra atividade não exclusiva da sala de aula e laboratórios, que poderia se transformar numa possibilidade de repensar o significado do que se chamava de Tripé – Ensino/Pesquisa/Extensão, sem alterar o produto da academia, ou seja, Ciência & Tecnologia (C&T), mas provocando um outro olhar que não pudesse negar os conhecimentos e produções advindas dos espaços populares.

Extensão Cidadã – **A extensão universitária visa aproximar a comunidade da universidade. Na sua perspectiva, como definiria a extensão universitária? Seria uma espécie de movimento social?**

**Falcão** – Entendo a extensão universitária como uma ferramenta importantíssima para os movimentos sociais, sejam os mais singelos, sejam os mais musculosos, para promover essa aproximação entre a academia e a comunidade. Entretanto, extensão para mim também é um trabalho social útil que tem a intenção de conectar as atividades de ensino e de pesquisa.

Extensão Cidadã – **O que você entende por extensão cidadã?**

**Falcão** – Estamos para além da conceituação da extensão universitária nessa prerrogativa de extensão cidadã. Hoje, muita gente já pensa em rever os conceitos atuais. Neste sentido, entendo a extensão cidadã numa linha propositiva, fugindo do assistencialismo que sempre

permeou os trabalhos de extensão universitária para modalidades outras que não aceitam mais o individualismo de projetos, que buscam solidificar as redes de colaboração e de solidariedade, que centram as atividades em programas estruturantes. Essa é uma nova perspectiva da extensão universitária com essa percepção de cidadania.

**Extensão Cidadã – Qual o papel da extensão na mudança de consciência dos estudantes e da comunidade no que diz respeito às questões sociais e à formação política?**

**Falcão** – A extensão no Brasil vem se transformando num espaço concreto de ação que vem contribuindo com o repensar do movimento estudantil enquanto movimento social. Várias iniciativas extensionistas de estudantes vêm ocorrendo de forma sistematizada, em frentes populares que fazem com que se pense em mudanças, não só de consciência, pois se percebe que vêm também acontecendo modificações de comportamento dentro dos espaços de disputa política, desviando o foco partidário para ações propositivas, no que diz respeito às questões sociais e políticas, no campo das intervenções na área da saúde, meio ambiente, educação etc.

**Extensão Cidadã – Muitas vezes, a prática extensionista deixa de ser troca de conhecimento, experiências, saberes e arte, entre a universidade e a comunidade, para se tornar apenas um meio de aplicação do conhecimento, prestação de serviços ou simplesmente assistencialismo. Como você avalia esta questão e como prevenir a reprodução dessa realidade na prática da extensão?**

**Falcão** – Eu tenho avaliado alguns trabalhos de extensão em algumas regiões brasileiras e tenho percebido que a academia ainda reproduz o assistencialismo de projetos gestados em outras épocas, perdendo muitas vezes, oportunidades de poder construir algo mais conseqüente no campo da pesquisa e do ensino, através de projetos de extensão que poderiam utilizar critérios mais críticos e coerentes. Por outro lado, na década de 90, o Fórum de Pró-Reitores das Universidades Públicas Brasileiras vem apresentando propostas de extensão, dentro de programas das pró-reitorias de extensão, com maior cunho de comprometimento institucional, desvinculando estes projetos do personalismo, dando-lhes mais longevidade e abrindo espaços para a ruptura com a prestação de serviços. Alguns experimentos desenvolvidos aqui na UFPB vêm apontando para uma extensão qualitativa, pois se deixa de fazer o trabalho para a comunidade e passa-se a construir com a própria comunidade o seu projeto de extensão, através da co-gestão. Seria esta uma nova modalidade de extensão capaz de coibir práticas assistencialistas e prestadoras de serviços porque se aproxima da idéia de extensão como trabalho social, conseqüente e útil.

**Extensão Cidadã – A seu ver, como as gestões das universidades públicas têm tratado a extensão?**

**Falcão** – Como já falei anteriormente, observaram-se avanços significativos por parte dos novos gestores das IES (Instituições de Ensino Superior) com relação ao tema ‘extensão universitária’. Nesse sentido, destaco os relevantes serviços prestados pelo Fórum de Pró-Reitores das Universidades Públicas Brasileiras, principalmente nessas duas últimas décadas, por vir incentivando a produção de obras enfocando o tema; articulando a implantação de vários programas de extensão simultaneamente no Brasil; ampliando o envolvimento do corpo discente e docente; fortalecendo estudos que contêm elementos que trazem avanços importantes quanto à conceituação de extensão; expandindo as bases para o fortalecimento da institucionalização da extensão, possibilitando inclusive a aproximação entre IES e entidades de fomento, na perspectiva de dispor de mais verbas para este setor; e, principalmente, vem construindo junto com aqueles que fazem extensão a indissociabilidade entre o Ensino e a Pesquisa, acabando com a tese insustentável de “tripé”.

**Extensão Cidadã – Quais as maiores dificuldades para se fazer extensão na UFPB?**

**Falcão** – Apesar dos avanços significativos com a implantação de vários projetos de extensão ocorrendo de forma simultânea, um grande obstáculo para se fazer extensão na UFPB ainda é a falta de uma política de fomento para este setor, a falta de transportes, a frágil integração entre as várias experiências de extensão que vem sendo desenvolvidas na UFPB, entre outras.

Extensão Cidadã – **Dentre os projetos dos quais participou, qual o que você apontaria como o mais próximo de uma extensão cidadã?**

**Falcão** – Posso dizer que desde 1990 conheço vários projetos desenvolvidos pela PRAC que trazem fundamentos de uma proposta de extensão cidadã a exemplo do Projeto Catarina, do Projeto de Direitos Humanos desenvolvido junto a nação Potiguara, do Projeto Conexões de Saberes, do Projeto Aldeia, além do Programa Interdisciplinar de Ação Comunitária que eu coordeno e deu origem ao projeto ENEC – Estágio Nacional de Extensão em Comunidades.

Extensão Cidadã – **Poderia nos citar fatos que marcaram a sua história na extensão?**

**Falcão** – Poderia citar tantos fatos que me marcaram nesta árdua batalha... Por exemplo: A conquista das terras da comunidade de Praia de Campina; o processo de reforma agrária do município de Cruz do Espírito Santo; o desenvolvimento da comunidade de Costinha após a suspensão da pesca da baleia no litoral paraibano; o fortalecimento da luta da Nação Potiguara pela demarcação de suas terras; a abertura do rio da Aldeia Cumarú pelas mãos dos próprios índios; por último, a instalação do CAMPUS IV do Litoral Norte da Paraíba.

Extensão Cidadã – **O que você diria para aqueles que ainda virão a atuar na extensão universitária?**

**Falcão** – A Extensão Universitária é um espaço de construção e transformação social, coletiva e individual, para qualquer cidadão, estudante, professor, profissional. Portanto, acredito que deve ser um caminho trilhado por toda comunidade acadêmica que, em parceria com a sociedade civil, nos proporcionará um eterno aprendizado.

#### **Publicações:**

Falcão, Emmanuel. **Ação -Mobilização - Reflexão Complexa:** metodologia para a mobilização coletiva e individual. Ed. Universitária. João Pessoa, 2002

Falcão, Emmanuel. **Um novo começo.** Ed. Universitária. João Pessoa, 2003

Falcão, Emmanuel. **De ouro de tolo ao ouro da vida.** Ed. Edilar. Rio de Janeiro, 2005

Falcão, Emmanuel. **Vivência em comunidade: outra forma de ensino.** Ed. Universitária. João Pessoa, 2006

Contatos:

email: emmanuel\_falcao@yahoo.com.br